HISTÓRIA(S) DA(S) LEITURA(S) (?) E A ANÁLISE DO SUPORTE DE TEXTOS[*]

Luzmara Curcino FERREIRA[**]

> *O leitor vai em direção a uma palavra que não lhe será jamais dada e que, por isso mesmo, constrói o movimento de ser indefinidamente ligada a uma resposta solta, absoluta, a do outro. (Michel de Certeau)*

Especulações acerca de uma história da leitura

Na tentativa de definir a leitura, esta fora abordada e concebida de diversas maneiras, em épocas diferentes, constituindo uma história que fundamenta e justifica a pluralidade de concepções acerca da leitura vigentes ainda hoje. A história da leitura assentou-se nas perspectivas teórico-metodológicas, adotadas de tempos em tempos, e que oscilavam conforme a especificação de elementos que, por si só, seriam responsáveis pelo sentido dos textos, quais sejam: o autor, o texto e o leitor. Atribuía-se, portanto, a uma dessas instâncias ou esferas componentes da prática de leitura, a base, a origem, a fundamentação dos sentidos.

---

[*] Este artigo é uma adaptação do item 1.3 do Capítulo I da Dissertação de mestrado intitulada *Prática de Leitura: Os limites e as possibilidades instauradas pela materialidade do suporte de textos revista*. UNESP/Araraquara.

[**] Doutoranda da Universidade Estadual Paulista (UNESP/CAr). Integrante do *Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara* (GEADA).

Uma das esferas, que determinou o modo como, em certo momento dessa história, a leitura foi concebida e que viabilizaria a atribuição "correta[i]" do sentido, assentou-se na consideração privilegiada do autor, de suas intenções, de suas fontes e influências que, então, o caracterizariam, e, conseqüentemente, à sua obra. Assim, o leitor especializado[ii] deveria buscar nos fatos marcantes da vida do autor, e nas obras que este lera e que o influenciaram, a explicação para o sentido dos textos. Cabia, então, ao leitor identificar as "marcas", que atestavam a origem, a autoria, a história, (biográfica, tradicional e positivista, no sentido da história dos vultos notáveis) numa exegese crítica e restrita apenas a especialistas.

A leitura também foi tomada, em outro momento histórico, como uma prática em que o sentido do texto ancorava-se, única e exclusivamente, na análise do texto em si, dado que se apostava numa imanência, numa autonomia que o configurava como única esfera viabilizadora de sentido. O texto resguardaria, assim, uma estrutura abstrata, que caberia ao leitor especializado confirmar e aplicar a vários textos. Como exemplo, o *New Criticism*, enquanto vertente da crítica literária, caracterizou-se pela premissa de não levar em conta as intenções do autor, seus sentimentos. A "correta" leitura concretizar-se-ia a partir da observação técnica do texto, sua investigação formal, concepção esta que, de certo modo, reforçou-se durante o *Estruturalismo*.

O leitor, considerado em outro momento da história da leitura como a esfera constituinte dos sentidos, foi revestido de uma liberdade leitora em relação ao texto que poderia, inclusive, relegar as duas outras esferas constitutivas da leitura – o autor e o próprio texto. O leitor, desse modo, tornou-se a instância exclusiva responsável pela interpretação do texto, independentemente, por vezes, da materialidade do texto, que se não possui um único sentido, também não dá margem para qualquer sentido. Nesse

momento, o qual na história da leitura trata-se do mais recente, deslocou-se a atenção do texto para o leitor para observar, como na *Estética da Recepção*, qual o sistema regeria a leitura e a interpretação, asseverando certa autonomia do leitor na atribuição dos sentidos, uma vez que, é a partir do modo como ele "recebe" o texto, o lê, o interpreta, que se instaura, de modo particular, o sentido.

A constitutividade dessas instâncias — autor, texto, leitor — deve ser apreciada na complexidade e pluralidade do gesto de leitura, que sofre influência de todas elas, concomitantemente, além de outros fatores que são determinantes dos sentidos, tais como: o conhecimento formal (cultura letrada); o desejo (constituindo a identificação e constituído por ela); a memória (condição que garante certo acúmulo e, por este, as relações de sentido que podem ser promovidas); o esquecimento (constitutivo da memória); e a antecipação (o imaginário acerca dos lugares sócio-históricos que os sujeitos ocupam).

A consideração do suporte de textos na leitura

Além das instâncias apresentadas, as quais ordenam a história da leitura, e em conformidade com os estudos promovidos por Chartier (1998) acerca do livro e da leitura, agregamos a estas uma outra instância também determinante dos sentidos dos textos na leitura, qual seja: o suporte. O suporte de textos diz respeito ao objeto que porta os textos, que os dá a ler, como o livro, a revista, a tela do computador, a xerox, etc e, com efeito, apresenta-se como elemento decisivo na configuração dos sentidos. Por esse motivo, consideramos o suporte como uma das esferas da qual originam-se e distinguem-se os sentidos na leitura dos textos.

Assim, a perspectiva metodológica de leitura que aventamos é a de que é necessário considerar a relevância do suporte de textos dado que, é por intermédio da materialidade do suporte, que rege além dos usos e práticas dos sujeitos, os sentidos. Essa função do suporte, graças a sua materialidade, é utilizada pelo editor dos suportes, seja o livro, a revista, a página na internet etc, na tentativa de *fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar*[iii]*)* (Chartier, 1998, p. 9).

Elegemos, neste trabalho, analisar o suporte de textos revista impressa, que dá forma material aos textos que porta e, diferentemente do livro, compõe-se de textos diversos, os quais encadeia, hierarquiza, ilustra, segundo o trabalho do editor, na tentativa de destacar e reforçar determinados sentidos, de controlar essa prática rebelde que é a leitura.

Essa rebeldia faz-se necessária a ressalva, não representa uma liberdade ilimitada do gesto leitor. Ao contrário, ela é resposta às tentativas de controle. Assim, é preciso observarmos, quando da abordagem teórica da leitura, a existência de um paradoxo inerente à mesma, fundado pela concomitância da coerção e da liberdade leitora, na prática da leitura. Inventariar a leitura, construir-lhe uma história, definir procedimentos para 'ajustar' essa prática são ensaios na busca de uma homogeneização dos sentidos. Esse tem sido o papel desempenhado por autores, por críticos, por editores, que ao topologizarem em um dos elementos constitutivos do processo da leitura (leitor, autor, texto) o arcabouço do sentido, reduziam a amplitude dessa prática interpretativa, que não está, segundo Chartier (1998, p. 11),

> *inscrita no texto, e que não há, portanto, distância pensável entre o sentido que lhe é imposto (por seu autor, pelo uso, pela crítica, etc.) e a interpretação que pode ser feita por seus leitores*.

As tentativas de arrolar a prática de leitura, que constituíram sua história, basearam-se, então, na prescrição de métodos para a interpretação e na adaptação e criação de recursos que concorressem para a coação da liberdade inerente à leitura.

Um desses recursos empregados na coerção da leitura, em conformidade com o que apresentamos, é aquele oferecido pela forma do suporte revista. São dois os procedimentos que tangenciam a forma do texto no suporte: a *textualização* (técnicas de produção do texto empregadas pelo autor, como a escolha lexical, temática etc) e a *composição* (técnicas de colocação do texto no suporte empregadas pelo editor, como o enquadramento do texto, a escolha de ilustrações etc).

Partindo, então, da premissa de que a *textualização* e a *composição*[iv] do suporte revista impressa – de que trataremos, neste trabalho, de modo mais detido da *composição* – institui certos limites à leitura, vemo-nos na necessidade de descrever essas práticas coercitivas da leitura pela abrangência que esse objeto cultural adquiriu em nossa sociedade e, conseqüentemente, o lugar de poder dizer que ele ocupa.

Os sentidos instaurados na leitura desse suporte provêm, além daqueles atribuídos a cada texto (sua *textualização*, produzida por um autor que emprega estratégias tais como a escolha lexical), das relações que podem ser estabelecidas entre os diversos textos, no exercício da leitura, viabilizadas pelo suporte que disponibiliza conjuntamente esses textos, e os apresenta, de modo *descontínuo*, conformando-os numa *composição* específica (formas tipográficas concebidas e articuladas pelos editores). Essa *descontinuidade* apresenta-se como um princípio ordenador da leitura deste tipo de suporte, dado que os textos na revista, por serem produzidos por diversos autores, por disporem-se aparentemente independentes,

dissociados, desagregados uns dos outros, podem ser relacionados, associados na leitura por razões que desrespeitem a ordem, o arranjo seqüencial dos textos na revista, estabelecido pelo editor. Assim, numa ordem descontinuada, é possível, pela leitura, instaurar outras 'seqüências' e sucessões, enfim, outras continuidades. São essas outras continuidades ou *trajetórias táticas* que também demonstram a singularidade inerente à prática de leitura exercida nesses textos da revista, bem como nos demais, *e que faz com que um texto seja sempre o mesmo e sempre outro para cada um dos leitores* (Gregolin, 1997, p. 31) bem como para o mesmo leitor, quando da repetição da leitura do texto.

A *descontinuidade*, considerada característica do processo de leitura, acentua-se não somente pelas divisões a que os textos na revista são submetidos, que definem seu começo e seu fim, na ordem do suporte, mas também pela *interdiscursividade*, inerente à produção e interpretação do discurso, a que são submetidos os textos, tanto àqueles presentes no próprio exemplar da revista quanto àqueles anteriores a esse exemplar, constantes em números antigos da revista, e ainda a todos os discursos constituintes da *memória discursiva*. Partindo do princípio de que *todo texto aponta para várias direções de leitura porque há sempre uma relação constitutiva que ele estabelece com outros textos* (Gregolin, 1997, p. 35), e considerando esses *outros textos*, como aqueles presentes na *memória discursiva*, mas, de modo específico e localizado, como aqueles textos que, num mesmo exemplar de uma revista, podem, por injunções do leitor, ser relacionados, reforçando e constituindo efeitos de sentido suscitados em outros textos do exemplar, podemos, desse modo, justificar a *descontinuidade* como um princípio ordenador de leituras, principalmente, no que diz respeito a esse tipo de suporte: a revista.

Um exemplo

A revista, na condição de suporte de textos, objeto que porta textos, que os dá a ler, atua como uma totalidade organizadora que ordena, dispõe, ilustra, estetiza os textos que veicula, comprometendo-lhes, por essa razão, os efeitos de sentido, e pode, graças a sua forma material, constituir um diálogo entre os textos promovendo uma *isotopia semântica*[v].

Na tentativa de assinalar a articulação dos textos graças à materialidade do suporte, o que incide nos sentidos dos textos, tomamos como exemplo o texto editorial sobre a PM (Polícia Militar) mineira, publicado na revista *Veja*, número 19, de 10 de maio de 2000, página 90, ilustrado por uma foto de soldados em marcha:



Educação

O nível melhorou

A PM mineira ficou menos violenta depois que investiu não em armas, mas no ensino da tropa

AGORA QUE VOCÊ EVOLUIU NA LÂMINA,

APROVEITE PARA EVOLUIR NA ESPUMA.

NIVEA FOR MEN

ESPUMA DE BARBEAR

NIVEA FOR MEN
A SUA PELE EM PRIMEIRO LUGAR

Veja número 19, de 10 de maio de 2000, p. 90, 91

Esse texto editorial apresenta como título o enunciado "*O nível melhorou"*, seguido do subtítulo *A PM*

mineira ficou menos violenta depois que investiu não em armas, mas no ensino da tropa. Esse subtítulo faz jus à seção *"Educação"*, na qual o texto está disposto, dado que indica, pelo emprego da forma nominal *ensino*, a filiação ao tema desta seção. Dentre os *protocolos de leitura*[vi] dispostos no texto, além do título, do subtítulo e da seção, observamos o enunciado *218 candidatos disputam uma vaga no Curso de Formação de Oficiais da PM mineira. A proporção é maior do que a dos vestibulares mais concorridos do país*, em destaque graças ao tamanho da fonte, ao enquadramento desse enunciado, separando-o do restante do texto pelo uso de uma cor do fundo diferente daquela adotada no restante do texto. Esse recurso, utilizado pelo editor do texto no destaque de certos fragmentos, funciona como um otimizador de leitura, um mecanismo didático para a leitura, resumindo e antecipando o conteúdo do texto.

Se os textos editoriais das revistas informativas como *Veja* são já um resumo dos principais fatos noticiados nos jornais da semana, ou a apresentação de determinados assuntos de modo superficial, graças à antecipação do leitor deste tipo de suporte, correspondente àquele leitor que não dispõe de muito tempo para a leitura e precisa ou deseja informações atuais de fatos gerais, o editor da revista oferece, além dos textos produzidos pelos autores com vistas a atender esse leitor pressuposto, atalhos para a leitura por intermédio dessas estratégias editoriais, desses *protocolos de leitura*. Quanto ao conteúdo desse enunciado em destaque, este aponta para reiteração a importância da formação escolar e a sua interferência no *nível* da tropa mineira, assim como noutros enunciados localizados no interior do texto editorial: *A PM de Minas é a vanguarda do setor hoje no país*, *A polícia de Minas sugere que o melhor equipamento a serviço da lei é o cérebro de seus homens*.

Na seqüência, à direita, na página 91, apresenta-se-nos um texto publicitário, uma propaganda de produtos

Nívea para barbear, da linha *Nívea For Men*, produtos voltados especificamente para o público masculino. Em destaque, devido ao tamanho e à localização central na página, encontra-se a foto de um produto dessa linha: uma espuma de barbear. Ilustrados em tamanho menor, no canto inferior esquerdo da página da direita, encontram-se alguns outros produtos que compõem essa linha masculina da *Nívea*. Além da imagem em destaque de um dos produtos, apresenta-se-nos o enunciado: *Agora que você evoluiu na lâmina, aproveite para evoluir na espuma!*

Retornando ao texto editorial sobre a PM mineira, com o intuito de observar aproximações que definem *nuances* aos sentidos de ambos os textos, parece-nos, de imediato, uma tarefa fácil estabelecer uma relação direta entre produtos masculinos, especificamente aqueles para barbear, e um batalhão de homens, principalmente se considerados alguns critérios da função que exercem, dentre eles, estar com a barba feita, conforme regulamentação do batalhão da polícia militar.

Feita essa aproximação, o que já é interpretação, devemos, então, nos deter às marcas que ambos os textos – editorial e publicitário – apresentam, e que nós, como leitores, elegemos como indícios, lugares de interpretação. O texto editorial sobre a PM mineira, incontestavelmente, fala da "evolução" desta em relação às demais corporações de outros estados, devido à educação da tropa, o que se confirma pelo título *O nível melhorou* e por enunciados do interior do texto tais como:

> *duas iniciativas no universo da educação. A primeira foi obrigar os oficiais a fazer cursos de pós-graduação. A segunda consistiu em incentivar soldados a tirar um diploma de curso superior* (*Veja*, 2000, p. 90).

Empregamos e destacamos o lexema ‘evolução’ no parágrafo anterior, no qual descrevíamos as mudanças efetivadas pela PM mineira, por este ter sido utilizado na propaganda dos produtos *Nívea*, repercutindo um sentido semelhante, qual seja, o de progresso, melhoria, desenvolvimento, aperfeiçoamento, enfim mudança de estado, configurada positivamente em nossa sociedade. Há, portanto, em ambos os textos a reiteração do caráter eufórico do termo ‘evolução’, aludido no texto editorial sobre a PM mineira, por intermédio de adjetivos, locuções adjetivas e outros substantivos, e empregado, de fato, no texto publicitário dos produtos *Nívea*. Estabeleceu-se, desse modo, uma *isotopia semântica*, que pela reiteração de traços semânticos relativos à evolução, presentes no texto editorial, tais como ‘melhoria’, ‘vanguarda’, ‘eficiência’, sustenta, de certo modo, a manutenção dos efeitos de sentido, suscitados pela leitura deste texto, estendendo-os ao texto publicitário.

Para além dos sentidos erigidos pelo lexema ‘evolução’, este designa ainda o movimento uniforme da tropa em marcha, posição que confere uma simultaneidade, uma regularidade aliada à organização, aos movimentos padronizados, ou seja, ao desfile dos soldados que apresenta-se de modo sincrônico. Numa análise das imagens que ilustram ambos os textos, especulamos que a foto que ilustra o texto editorial sobre a PM, além de referenciar-se no termo ‘evolução’ empregado no texto publicitário, apresenta a imagem de soldados em marcha, alinhados, mas que, conforme a perspectiva da fotografia, torna possível a visão não só da primeira coluna de soldados bem como das colunas que a sucedem, apresentando, por essa razão, os demais soldados. A foto que ilustra os demais produtos da linha *Nívea for Men*, localizada na margem direita inferior da página, apresenta os produtos alinhados em colunas, que, conforme a disposição dos soldados da foto analisada anteriormente, viabiliza a visão de todos os produtos.

Ventilamos ainda outra hipótese quanto a análise interpretativa desses textos, qual seja, a de que o enunciado *A sua pele em primeiro lugar*, presente no texto publicitário, remete-nos, por associação, ao bordão, empregado pela PM mineira em propagandas televisivas, *A sua segurança em primeiro lugar*.

Apesar desta associação que estabelecemos entre o texto da revista e o texto de outro suporte, no caso a TV, destoar do que nos propusemos, sobre observar o encadeamento de sentidos, instaurados pelo suporte, entre os textos que o compõe, esta aponta para o modo singular da prática de leitura, que se efetiva no conflito entre a subjetividade do leitor e a *atualidade* que reveste o gesto da leitura bem como a coletividade da qual o leitor faz parte, que lhe restabelece uma *memória* social[vii], demonstrando, desse modo, que as relações que são promovidas, que viabilizam atribuirmos uma semelhança entre o enunciado da propaganda de produtos *Nívea* e o bordão televisivo da PM mineira, representam um gesto interpretativo próprio do ato de leitura, fundado e sustentado pela *memória discursiva* que garante a legibilidade, o reconhecimento e a instauração de sentidos. Esse acionamento da memória, característico da singularidade exercida na leitura, e referenciado no conhecimento de uma coletividade, assinala o modo complexo de como é construída e constituída a atribuição de sentidos por parte dos sujeitos.

Assim como na empreitada de Saussure, na análise dos anagramas, para quem os fonemas de uma palavra-tema reiterariam-se nos versos dos poemas sob análise, o que, para isso, caberia ao analista ir em busca da *similitude, o co-esparso em que se deixam capturar, de uma maneira quase sempre idêntica, as linhas de um primeiro corpo* (Starobinsky, 1974, p. 45), olhar para os textos em sua (com)posição na revista, incide num exercício de interpretação, tal qual pretendíamos empreender neste

estudo, que pode, por vezes, insinuar-se relativista, dada a pluralidade de associações, próprias da liberdade exercida no processo de leitura dos textos em análise. Mas procuramos, em nossa análise, não perder de vista que essa liberdade não se trata de *uma liberdade arbitrária*, uma vez que há limitações para a interpretação, desde *os códigos e convenções que regem as práticas de uma comunidade de dependência, às formas discursivas e materiais dos textos lidos* (Chartier, 1998, p. 14). Se, por um lado, esta leitura dos textos no suporte revista impressa não corresponde a uma prática de leitura corrente, por outro, ela apresenta-se como uma metodologia de leitura a ser considerada, difundida, divulgada, dado o uso que se faz da materialidade do suporte na constituição dos sentidos, considerando o fato de que a disposição dos textos na revista é fruto do trabalho de um editor, responsável pela organização dos textos, o que aponta para a possibilidade do uso estratégico dessa localização, ainda mais quando as associações são estabelecidas entre textos editoriais e textos publicitários, dado que estes últimos – fonte de renda pela venda da página – pode contar com a solidariedade de textos editoriais, principalmente aqueles produzidos com essa finalidade, qual seja, a de provocar um deslizamento dos sentidos instaurados no texto editorial para o texto publicitário.

Assim, esperamos ter cumprido o objetivo, deste nosso trabalho, de apresentar uma metodologia de leitura, que vise à consideração do suporte que porta os textos, neste caso, a revista impressa, que promove aproximações entre diferentes textos, articulando-os e restaurando/resignificando certos sentidos por intermédio de estratégias editoriais, como a organização/disposição dos textos na revista.

Esse diálogo, vale lembrar, estabelecido entre os diversos textos que compõem a revista, é promovido tanto pelo editor, que organiza, por meio de alguns *protocolos de leitura*, a rota para a leitura "correta", quanto pelo leitor, que

avesso, por vezes, às estratégias de controle do sentido empregadas pelo autor dos textos e pelo editor do suporte promove outras rotas de leitura, traça desvios, dada a rebeldia dessa prática que sempre se apresenta como incógnita ao leitor. Decifra-me ou te devoro.

Notas

[i] A assinalação de um sentido "correto" aos textos, na leitura, foi, desde sempre, uma preocupação daqueles que detinham a habilidade de ler, em conformidade com os lugares sociais por eles ocupados. A leitura, há muito, é empregada como forma de poder, de um saber-poder que define e sustenta posições sócio-culturais, e por vezes econômicas, das sociedades primitivas às contemporâneas, desde o uso da escrita (e leitura) restrito *ao corpo sacerdotal e aos grupos nobres, depositários dos conhecimentos fundamentais da cidade* (Roma dos primeiros séculos)*, referentes ao sagrado e ao jurídico* (Cavallo, 1998, p. 71) à atual alfabetização precária, que em nome de uma democratização do saber sustenta um mercado de leitores funcionais, reproduzindo, assim, a manutenção do saber-poder para grupos específicos da sociedade.

[ii] É importante ressaltar que as práticas de leitura então visadas pelos teóricos correspondiam àquelas realizadas por sujeitos que tinham acesso à cultura letrada, portanto, àqueles que além de saber ler (decodificar as letras) possuíam um conhecimento histórico-literário, graças ao acesso de que dispunham dos objetos de leitura: o livro, o periódico etc. Esse leitor-modelo, a quem os críticos literários e os teóricos da leitura contemplavam, subsidiou-os na descrição e definição do que era a leitura e de como ela deveria ser feita para que se obtivesse o sentido "correto" do texto.

[iii] Ao referir-se ao olhar, Chartier (1998) sugere que outras linguagens, tais como a linguagem não-verbal, possam ser utilizadas para definir os sentidos, como as fotos que ilustram os textos verbais ou a imagem que o próprio texto verbal adquire

conforme a sua disposição na página, a inserção de brancos, a seleção de cores de fontes etc.

[iv] Os termos *textualização* e *composição* foram adaptados por Barzotto (1998) para a análise do suporte de textos revistas, com referência às expressões empregadas por Chartier (1990) *mise en text* e *mise en livre*, respectivamente.

[v] A expressão *isotopia semântica* ou *discursiva* trata-se de um conceito cunhado pela Semiótica e diz respeito à reiteração de traços semânticos que promovem o *percurso gerativo de sentido* dos textos. Empregamos essa expressão graças à conformidade dela em relação à metodologia de análise que adotamos, que visa partir de um texto e vislumbrar as associações semânticas estabelecidas entre este e outros presentes no mesmo exemplar da revista, bem como em outros números da revista.

[vi] O protocolo de leitura ou lugar de memória do texto, segundo Chartier, são *os sinais visíveis, ou senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela* (1996, p. 95). Como exemplo de alguns protocolos de leitura presentes empregados nos textos do suporte revista, podemos citar o destaque dado a alguns enunciados nos textos, promovido pelo tamanho da fonte e emprego de cor diferenciada da adotada no restante do texto; as imagens que ilustram os textos, tanto editoriais quanto publicitários, da revista, e, por vezes, antecipam a leitura do verbal desses textos; as referências a outros textos veiculados no mesmo exemplar da revista ou em números anteriores; a disposição dos textos na revista, que define uma hierarquia, uma seqüência à leitura desses textos; etc.

[vii] Pêcheux (1997) definiu o *acontecimento* discursivo como o *ponto de encontro de uma atualidade e uma memória*, noção que nós incorporamos para justificar a análise do enunciado *a sua pele em primeiro lugar* e estabelecer entre este e outro enunciado coletivo uma associação, uma aproximação.

Referências Bibliográficas

CAVALLO, G; CHARTIER, R. (orgs.) *História da Leitura no Mundo Ocidental I*. São Paulo: Ática, 1998.
CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
CHARTIER, R. *A história Cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: Editora Difel, 1990.
———. *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
———. *A ordem dos livros – leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.* Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
GREGOLIN, M. R. V. Da Tela à Teia do Jornal Online. In: RIOLFI, C. R.; BARZOTTO, V. H. (orgs.). *Revista Nexos: Estudos em Comunicação e Educação/Univ. Anhembi Morumbi*. Ano IV, n° 6, São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 1997.
PÊCHEUX, M. *O Discurso Estrutura ou Acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.
STAROBINSKI, J. *As palavras sob as palavras – os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

REVISTA

VEJA, número 19, 10 de maio de 2000, Edição 1648, São Paulo: Editora Abril.